



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14927 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

UMA TEORIZAÇÃO SOBRE AS DIGISSEXUALIDADES COM MEMORANDOS DA GROUNDED THEORY

Claudionor Renato da Silva - UFJ PPGE - Universidade Federal de Jataí

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

UMA TEORIZAÇÃO SOBRE AS DIGISSEXUALIDADES COM MEMORANDOS DA GROUNDED THEORY

Introdução do problema

Digissexualidades (do inglês *digisexuality*) são sexualidades humanas emergentes, caracteristicamente, aquelas em que o aspecto digital (*digi-*) é o vínculo das relações humanas afetivas e/ou sexuais (-ssexualidades). A terminologia e a noção das digissexualidades, como categoria de identidade sexual emergente é elaborada na obra de McArthur; Twist (2017).

Autores como Gupta (2020), Dubé; Anctil (2021) e Skubis; Wodarski; Boch (2023) confirmam o demarcador das digissexualidades em McArthur; Twist (2017) que classificou as digissexualidades em dois momentos distintos, por eles denominados de ondas: primeira onda (*sites*, aplicativos de mensagens com ou sem envio de imagens) e a segunda onda, os robôs sexuais.

A problemática desta investigação pode ser expressa na pergunta: que teorização sobre digissexualidades pode ser organizada a partir de Memorandos da metodologia *Grounded Theory* (GT)?

A noção de teorização na GT (Charmaz, 2009; Tarozzi, 2011) encontra eco no

pensamento de Robert Merton com a Teoria de Médio Alcance (TMA), detalhada em seu *Theory and Social Structure*, publicado pela primeira vez, em 1949. Na GT, teorização é sinônimo de interpretação, segundo Kathy Charmaz.

Objetiva-se, assim, de modo geral, interpretar/teorizar, o que são as digissexualidades utilizando-se de uma das etapas da metodologia GT, os Memorandos e, desta forma, contribuir com a inserção do tema na área da educação sexual no Brasil. Especificamente, o trabalho se dispõe a uma formulação teórica (Tarozzi, 2011) das digissexualidades e ao elencamento de várias categorias a serem trabalhadas no interior dessa temática da sexualidade, uma identidade sexual emergente.

A justificativa e importância acadêmica e social desta pesquisa não se restringe somente à produção de conhecimento e a inovação educacional sobre esta identidade sexual das digissexualidades. O tema das digissexualidades impõe também o desafio de relevância teórica à área da educação sexual, talvez, o mesmo exercício intelectual e de produção investigativa realizada por Figueiró (1996) para uma teoria(s) de educação sexual no final da década de 1990: teorias e teorizações continuam sendo fundamentais à área da educação sexual nos estudos de gênero e sexualidade.

Desenvolvimento

Para responder ao problema da pesquisa, utiliza-se da metodologia GT, classificada como construtivista em Charmaz (2009) e Tarozzi (2011); originalmente, a GT nasce nos anos 1950/1960 por Barney Glaser e Anselm Strauss, na obra *The Discovery of Grounded Theory*, publicada em 1967.

A abordagem construtivista, referenciada em Kathy Charmaz possui várias etapas, dentre elas os Memorandos Iniciais (em destaque nesta pesquisa) que já representam um grande avanço na teorização, objetivo da metodologia; no caso desta pesquisa, os dados já foram coletados e tratados (codificados) em etapas anteriores, a partir de um levantamento bibliográfico sobre o tema: artigos do *google acadêmico* sob o descritor em inglês *digisexuality* e alguns critérios de inclusão e exclusão; as relações entre os dados já se entrelaçaram e algumas categorias centrais já se destacam nos dados para elaboração de Memorandos Iniciais (MI).

Memorandos, são pequenos textos, que vão se estruturando ao longo do processo de codificação dos dados. Neste processo, definições, conceitos e categorias emergem ou são elaboradas pelo pesquisador/as para a etapa final do Relatório da Teorização. (CHARMAZ, 2009).

A pesquisa organiza três Memorandos Iniciais (MI) para as digissexualidades: MI-1 que traz as principais referências sobre e para as digissexualidades; MI-2: sobre os robôs sexuais e MI-3 apresentando temas adicionais de várias frentes de reflexão, ainda também,

incipientes para os estudos das digissexualidades e discutidas em diversas partes do mundo.

No MI-1 os referenciais teóricos para as digissexualidades não são nem lineares, nem tão pouco, conectados. Não se quer afirmar isso no intuito de se esperar um único referencial para se falar tanto das digissexualidades de primeira onda (sites, chats, streamings, hologramas, etc.) quanto das digissexualidades de segunda onda, na representação dos robôs sexuais, pois, afinal, qualquer ensaio teórico sobre as digissexualidades envolve o digital e as ciências da sexualidade e, para o aspecto teórico do digital há um amplo espectro de outras frentes teóricas que abarcam, por exemplo, definições, conceitos e categorias como virtualidade, tecnologia, ciência computacional, ciência robótica, inteligência artificial (IA), ciência, tecnologia e sociedade (CTS), ciência tecnologia, sociedade e meio ambiente (CTSA), ciência, tecnologia e inovação (CT&i), robótica (como área da IA), biotecnologia, medicina sexual, etc.

Para esse MI-1, a definição de digissexualidades é dada como uma identidade sexual para pessoas que vivem sua sexualidade por meios digitais, entendendo-se digital, com tudo que se relaciona a computador ou máquina, internet, virtualidade.

O conceito de digissexualidades é o de uma identidade sexual emergente que trata de relacionamentos afetivos ou sexuais entre humanos e máquinas.

Algumas categorias a partir do texto demarcador de McArthur; Twist (2017): digissexualidades, imersivolidade, saúde digissexual, terapia para digissexuais – nesta última categoria sobressai a Psicologia, como área de estudo privilegiada para as digissexualidades.

Próximos passos da pesquisa em novos Memorandos, a partir do MI-1: busca de ampliação de digissexualidade, a partir do que seja “digital”, ampliando para os princípios da linguagem computacional na robótica e na IA; ampliar o que seja digissexual, na pergunta: e os robôs, seriam também seres digissexuais, na medida em que se relacionam com os humanos? Digissexualidades, assim, ainda é um *corpus teórico* em construção para as ciências da sexualidade humana, incluindo a educação sexual.

Para o MI-2, boa parte dos achados textuais, sobre as digissexualidades, elencados na pesquisa apresentam o tema dos robôs sexuais. Embora, os robôs sejam um estágio posterior à primeira onda, na classificação dos criadores da terminologia “digissexualidades”, o tema dos robôs sexuais – segunda onda – é tratado de forma teórica, primeiramente, com alguns enfoques como: parceiros(as) sexuais, como protótipos de tratamento contra a pedofilia, robôs como substitutos das mulheres de programa, dentre outros. Depois, em segundo lugar, como realidade, na forma de casos românticos e até casamentos oficiais, bem como, hologramas famosos, como também, no âmbito de sua vivência real, mas não sexual, como é o caso de Sophia, o primeiro robô social do gênero feminino com cidadania árabe.

No MI-2 há uma definição de robô sexual: uma máquina antropomórfica que se relaciona afetivo e/ou sexualmente com um humano. Alguns conceitos a serem desenvolvidos

de modo mais aprofundado, pois já estão na literatura sobre o tema e alguns outros elaborados pela pesquisa: sexualidade robótica; sexualidade humano-robótica.; liberdade sexual robótica. Relação/relacionamento digissexual.

Categorias a serem construídas: fabricação, comercialização e acessibilidade financeira mundial para uso e posse de robôs sexuais; o direito e jurisprudências sobre os robôs sexuais.

O último memorando, o MI-3 apresentam os temas adicionais, ainda incipientes para os estudos das digissexualidades. São temas adicionais pouco explorados precisam ser demarcados na primeira e na segunda ondas das digissexualidades, alguns desses temas, são válidos tanto para um quanto para outro.

Inicialmente, se pode colocar os seguintes temas: as interfaces das digissexualidades com a ciência da religião; hologramas; direitos civis dos robôs sexuais; saúde digissexual; psicologia dos robôs; entrevistas com robôs sexuais; pesquisas etnográficas sobre as vivências digissexuais de humanos e robôs; uso de robôs sexuais para tratamentos de pedófilos, homens violentos contra mulheres e crianças; acessibilidade econômica de robôs sexuais etc.

As definições e conceitos estão dispersas e exige do pesquisador/a da GT um aprofundamento teórico e metodológico para a articulação à digissexualidade; existe a articulação, mas não estão articulados de modo claro e, portanto, exigindo, seja na filosofia, na psicologia, nas ciências das religiões, enfim, um profundo fator teórico rigoroso.

Assim que se elencam algumas categorias para as digissexualidades na continuação da teorização: digissexualidade e religiões; hologramas digissexuais; aplicabilidades das digissexualidades em casos de pedofilia e abuso/violência infantil.

De toda forma, a teorização possui um referencial geral, mas não alinhado, são várias frentes abertas. O que já pode estar estabelecido é que para as digissexualidades, a teorização (teoria e prática pela pesquisa) só poderá ser construída na interface sexualidade humana e IA (ciências da robótica), realidade essa que já se iniciou com os *sites* e aplicativos de celular etc. (primeira onda) e que, atualmente, é representada pela fabricação e comercialização de robôs sexuais (segunda onda); para McArthur;Twist (2017) e Dubé; Anctil (2021) o mundo está na transição para a segunda onda.

Considerações Finais

A problemática da pesquisa é atendida, na medida, em que indica os caminhos iniciais da teorização das digissexualidades para a área da educação sexual: o caminho da teorização sobre as digissexualidades é encontrar um alinhamento teórico que até o momento é difuso e possui várias frentes que ainda precisam ser desvendadas; um dos caminhos mais inovadores

no plano teórico e empírico é o tema dos robôs sexuais (a segunda onda), aparentemente, longe da realidade da sociedade atual, altamente, tecnológica, com fortes apelos midiáticos, pela IA, mas que nos estudos em empreendimento, ao redor do mundo, mostram uma realidade que já permite uma quase humanidade para máquinas antropomórficas.

Assim, os memorandos, que são os primeiros *insights* da teorização sobre digissexualidades, assumem, no interior da metodologia GT uma etapa singular na formatação de definições, conceitos e categorias: uma sólida teorização na produção de conhecimento sobre essa identidade sexual emergente, entre máquina e humanos. E, neste sentido, a pós-graduação, em educação e em educação sexual, no Brasil, encontra um desafio teórico e metodológico concernente a essa inovação nos estudos da sexualidade humana, bem como, a inovação do ponto de vista da realidade da tecnologia nas relações e sexualidades das pessoas no mundo atual.

REFERÊNCIAS

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DUBÉ, Simon.; ANCTIL, Dave. Foundations of Erobotics. International. In: **Journal of Social Robotics**, v. 13, p. 1205–1233, 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico Figueiró. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.º 98, p. 50-63, ago., 1996.

GUPTA, Arushi. Assessing the legal personality of sexbots in the light of human rights. In: **Kathmandu School of Law Review (KSLR)**, Volume 8, Issue 1, p. 90-98, 2020

MCARTHUR, Neil.; TWIST, Markie. L. C. The rise of digissexuality: therapeutic challenges and possibilities. In: **Sexual and Relationship Therapy**, v. 32, n. 3–4, p. 334–344, 2017.

SKUBIS, Ida.; WODARSKI, Krzysztof.; BOCH, Auxane. Language in the human-technology era. New terminology on the sex (robot) market – “digissexuality”, technosexuality” and “robosexuality” – a multilingual analysis and survey among students. In: **Scientific Papers of**

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a Grounded Theory?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Palavras-chave: Digissexualidades. *Grounded Theory*. Educação Sexual.